

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 7 DE MARÇO DE 1996

Eu queria cumprimentá-los mais uma vez, agradecer a presença dos senhores Senadores do Nordeste aqui e dizer-lhes que eu já era sabedor desse esforço que está sendo feito pelos Senadores do Nordeste no sentido de nós equacionarmos, de maneira mais atualizada, os problemas do Nordeste e a ação possível para fazer frente a esses problemas.

Os senadores que têm privado mais freqüentemente comigo sabem que tenho dito reiteradamente que tenho, hoje, uma visão bastante clara sobre o que fazer em certas regiões do Brasil – em algumas já estamos até fazendo com certa ênfase – e que sinto falta de uma visão integradora para a ação no que diz respeito ao Nordeste.

Os Ministros, sobretudo o Ministro Cícero de Lucena, mas também o Ministro Krause, com os quais converso freqüentemente sobre a questão nordestina e aos quais tenho pedido insistentemente que me ajudem a definir esses programas, também sabem dessa minha preocupação e estão todos eles ávidos de documentos como esses deste subgrupo da Câmara de Estudos Regionais, os quais têm em vista, precisamente, permitir uma confluência de contribuições sobre a questão nordestina.

Nós já estamos longe do Nordeste da época da Sudene. Reli os documentos criadores da Sudene, os trabalhos do Celso Furtado e tudo. Embora estejamos longe, algumas das posições ali propostas são contemporâneas. Na verdade, naquele momento quais eram as idéias predominantes? O desequilíbrio regional. É preciso capitalizar a região, é preciso fazer frente à questão da seca, que é uma questão perene – mas que não pode esgotar a visão do Nordeste.

Olho para o Senador Teotônio e me recordo da CPI sobre a seca, da comissão sobre a seca, que foi feita sob a presidência do Senador Teotônio e é assunto conhecido.

Pois bem. Além disso, dizia o Celso, nós temos que aumentar o valor agregado do que é produzido no Nordeste, temos que industrializar e, lá para cima, nas terras úmidas do Maranhão, fazer programa de colonização. Essas as idéias, *grosso modo*, que me moveram.

Muita coisa foi feita. Não se pode fazer um balanço da Sudene no sentido negativo. Pode-se até criticar a burocratização da Sudene, etc., etc., mas é indiscutível que a Sudene cooperou para a transformação do Nordeste. O Banco do Nordeste é um ponto de apoio importante. Não sei de memória, mas ele até hoje dispõe de uma massa de recursos considerável.

Nós não estamos aqui em terra arrasada, o Nordeste mudou muito, tenho dito isso. Conheci, justamente com o Senador Agripino, regiões secas, estivemos juntos lá no Rio Grande do Norte. Fui à seca de Pernambuco, fui à seca no Ceará. Eu conheço o Nordeste. Mas vi, também, a produção de frutas. Eu estive tanto no Rio Grande do Norte como lá em Pernambuco para verificar o que acontecia. Estive na Bahia. Vi terra irrigada, vi terra irrigada e inútil, no Ceará, porque, na verdade, para se manter uma produção com a terra irrigada, não é para se produzir feijão, porque isso não remunera o custo da irrigação. É como no Rio Grande do Norte, como em outras regiões do Nordeste.

Mas há muita coisa. A Bahia se industrializou. Tem problemas hoje, mas houve um pólo petroquímico na Bahia. Recentemente, fui lá tomar banho nas praias gostosas de Aratu e sobrevoei Salvador de

helicóptero. E me impressionei. Essa cidade, com esse nível de prédios que lá estão, tem uma classe média. Não é possível que todos que morem nesses prédios sejam ricos. Seria o Brasil já de Primeiro Mundo? Não! É uma classe média que ficou afluyente.

Então, já existe um novo Nordeste – essa é a minha percepção. Claro que não posso comparar com a percepção dos senhores que conhecem a região, sobretudo quando olho o Senador Beni Veras, que, eu sei, é um conhecedor profundo dela, pois já participei com ele de discussões sobre o Nordeste.

Mas nós não podemos partir da idéia de que estejamos trabalhando sobre uma região que não tenha condição já para dar um salto.

Se me permitem, também entrando em seara que não é minha: gostei do que ouvi, porque aí se põe ênfase numa questão importante, que é a formação de gente.

O mundo mudou muito, como nós todos sabemos.

A minha introdução, dizendo que o Nordeste já tem uma base, é porque, se não tivesse essa base, seria muito difícil funcionar. Mas já tem. E o mundo mudou muito. Hoje, o grande capital é o capital humano. Alguém outro dia utilizou uma expressão heterodoxa, dizendo: “Hoje não se trata de mais-valia, Roberto, mas de mais-saber.” É a exploração do saber, não é? No Vale do Silício, não é a mais-valia, não é a exploração do trabalhador: é a exploração da cabeça, não é isso? Quem não tiver possibilidade de explorar o cérebro não vai se inserir na economia. E, aí, acho que tem que haver um forte esforço de escola técnica, de educação primária, de formação de núcleos de excelência, de informação sobre o que acontece, de interconexão da região com os outros pólos do mundo, porque, hoje, no mundo da Internet, não adianta só pensar, tem que haver interconexão.

Acho que temos que nos concentrar em educação e formação de gente, claro que sem nos esquecermos do resto, porque, senão, como o Senador Waldeck disse – ou não sei se foi o Agripino quem disse –, não vamos ter, no Nordeste, os automóveis de que precisamos, eles não vão para lá. Não posso entrar em detalhes, mas, sempre que posso, sou favorável à descentralização. Não posso falar muito por-

que sou paulista e vão me cobrar muito isso. Mas sou brasileiro e acho bom para o Brasil que haja mais investimento diversificado.

Onde é que nós encontramos obstáculo? Basicamente, em duas questões: 1) estrada, portos; e 2) gente, qualificação. Esses fatores são essenciais para se poder adensar a produção. Sem isso, os investimentos não vão. E, como o capital é privado, não se trata de uma ação do Governo, eles não irão. Então, acho que é muito importante prestar atenção à formação de pessoal, de gente, e, aí, à questão da exclusão e da educação.

Nós já mandamos uma emenda que é fundamental para o Nordeste: é sobre a questão do Plano de Valorização do Professor. Onde é que se vê a maior concentração de pagamento insuficiente? É no Nordeste. O Ministro da Educação, Paulo Renato, tem os dados de lá.

Esse plano vai equalizar, pelo menos, o gasto *per capita* de alunos, que será de 300 reais/ano, no mínimo, no Brasil. Isso corresponde aos padrões que as Nações Unidas propõem. Lá no Nordeste, hoje, eu não sei quanto é, varia de estado para estado, mas são 50, 60, 80 reais. E há a proposta de que o salário médio do professor seja esse também.

No Sul, reclamam: “Mas, meu Deus do céu, como é possível propor um salário tão baixo?” Claro, em São Paulo, o salário deve ser de mais de mil. No Rio Grande do Sul, também. É fácil para os partidos que estão trabalhando lá dizerem: “Ah, nós, aqui, pagamos mil por mês.” Mas, vai ver no Nordeste quanto que é: são 80, 70, 60 reais, é abaixo do salário mínimo o que ganha o professor. E um Governador responsável do Nordeste me disse outro dia: “Olha, esse plano é muito bom, mas nós temos que fazer por etapas, porque os estados não agüentam chegar a 300 reais de uma vez.” Bom, o Governo Federal está propondo um fundo, para que o Governo compense e possa equalizar. O programa é para o Brasil todo, mas, como a região mais pobre, onde há mais dificuldade, é o Nordeste, esse programa vai beneficiar basicamente o Nordeste.

Eu acho importante que apóiem, examinem, verifiquem. Não peçam que aumente a contribuição federal para essa área, porque não dá. Mas é um avanço muito grande, que cria a base de transformação.

A outra área, que não sei se está mencionada no documento, mas a respeito da qual hoje pela manhã tivemos uma reunião pública, que acho importante para o Nordeste, é a do turismo, a questão do Prodetur. Os senadores sabem – muitos aqui foram governadores – que há dinheiro e não há contrapartida. Há dinheiro parado, e nós estamos pagando “pedágio” por esse dinheiro do Banco Mundial, do Banco Interamericano, e não se faz obra porque os estados não têm recursos e muito menos ainda têm os municípios.

Então, nós mandamos que o BNDES financie a contrapartida e estamos fazendo ver ao BID, ou não sei a qual desses bancos aí, que aceite formas de contrapartida. Por que isso? Porque turismo dá emprego, porque turismo, no caso, significa saneamento. E nós estamos apoiando. Recentemente, o Presidente do BID foi à Bahia. Aliás, é a primeira vez que, em vez de ir o Governador lá, o Presidente do BID veio ao Brasil. E foi bom, para olhar a Bahia, como já fiz isso para o Rio também, no tempo em que eu era Ministro da Fazenda.

Em vários estados, nós estamos fazendo saneamento básico, porque isso tem a ver também com a possibilidade de turismo – segurança e saneamento básico, além, evidentemente, da construção de hotéis e da oferta de serviços, porque isso gera emprego, e gera muito emprego. O Senador Cafeteira já conversou comigo sobre essa questão do turismo. Pois, hoje, de manhã, pedi até que fosse convidado para estar aqui, para ver o que estamos fazendo nessa área do turismo, que é fundamental.

Isso, para o Nordeste, tem efeito imediato. O Nordeste é uma das regiões mais bem-dotadas, eu, até com certo exagero patriótico, diria: do mundo. Pelo menos a costa que vai lá das praias do Senador Carlos Wilson até as praias do Senador Teotônio Vilela – não sei se as praias são deles, mas, enfim, eu as percorri com eles, não é? – tem praias fantásticas, não tem nada igual. Hoje, não está aqui o Governador do Piauí, senão teria que falar, como falei hoje de manhã, do delta do Parnaíba. Enfim, isso é uma vantagem natural e competitiva que o

Nordeste tem. Claro que não vai dispensar uma ação na industrialização e uma porção de outras questões desse tipo.

Sobretudo, do que foi mencionado aqui, eu preciso – e, aí, eu peço apoio mesmo – que se estude essa questão da bacia do São Francisco, para saber o que fazer com o São Francisco. Como é que faz? Faz ou não faz isso ou aquilo? O que custa? Qual é o regime de águas? Dá para atender? Como fica a Bahia, se se mudar a água não sei para onde? Atende ao Ceará e atende à Paraíba, mas atende também a Pernambuco?

Não é uma decisão que possa ser tomada tecnocraticamente, porque nisso há interesses legítimos das populações, e eu preciso de um aconselhamento político. Estou decidido a apoiar, mas preciso de apoio. Não me adianta apoiar uma coisa que agrada a uns e desagrada a outros, porque, aí, fica na soma zero. Acho que esse é um tema que tem que ser enfrentado.

Vou ao Nordeste, agora, dia 29 de março. Vou lá, ao Nordeste, porque estamos dando curso àquilo que a Comissão do Senado, presidida pelo Senador Carlos Wilson, falou que era a questão da continuidade das obras.

Nós estamos fazendo lá no Ceará o açude do Castanhão, eu vou inaugurar o do Pataxó, lá na sua terra, que estava parado há não sei quanto tempo. Vou a Serra Talhada, pois tem uma outra obra lá. Vamos inaugurar cinco açudes, açudes que nós não começamos, e, sim, acabamos, porque é aquela tragédia uma porção de obras paralisadas.

Então, acho que a questão da água – embora eu tenha dito que não basta olhar para a água – é fundamental para o Nordeste, e nós realmente temos que pôr muito empenho nisso. Tem lá um compromisso meu com a Paraíba na questão do Canal de Souza, para o qual já dei recursos mais de uma vez e os recursos foram usados para outras coisas, e nós temos que, realmente, canalizar para o canal, se me perdoam o pleonasma. Mas a verdade é esta, a de que temos que pôr muito empenho nessa questão da água.

Se o Governo Federal ajudar na questão da educação, não só no nível primário, mas no investimento em qualificação de mão-de-

obra; se nós realmente levarmos adiante um plano hídrico competente, no sentido de não jogar dinheiro fora; se nós apoiarmos fortemente o turismo, estaremos avançando. E, se tivermos, com a ajuda dos senhores, capacidade de definir algum programa, na linha do que disse o Senador Agripino, de permitir que haja investimento privado, mas, para isso, com complementação no que for necessário, em portos – está aí o porto de Suape, que é fundamental, o porto de Itaqui, tem mais de um o Maranhão; está aí o porto de Cabedelo, o porto Novo, lá do Ceará, nós estamos reformando; e está adiantada a questão da lei dos portos, com negociação –, estaremos criando novas condições nesses portos, não é?

Temos a famosa questão, que eu não consigo resolver, da Transnordestina, porque o custo não é compensador para a carga prevista. Mas, certamente, na questão dos portos dá para atuar de maneira conseqüente. No Ministério dos Transportes nós estamos negociando 1 bilhão de dólares com o BID para a conservação de estradas. Espero que, no ano fiscal que começa em julho, esse dinheiro esteja disponível para nós pegarmos a BR-101, que precisa de ser refeita, não é isso?

Se nós fizermos isso, não tenho dúvida nenhuma de que podemos ir para a frente. Acho que esses estudos vão nos ajudar a avançar mais na questão nordestina.

Bem, já falei demais, mas, enfim, é o hábito.

[Segue-se diálogo entre o Presidente e os Senadores]

Só para terminar, peço-lhes atenção para o seguinte: preciso continuar mantendo a economia funcionando, estável, a moeda tem que ser forte, tem que haver investimento, tem que haver tranqüilidade. Sem isso, não vai. O Senador Bezerra é Presidente da Federação das Indústrias, sabe que isso é fundamental. O pressuposto de um Brasil novo é uma atitude construtiva de termos todos nós muito presente que, sem a estabilização da economia, o resto não vai acontecer, como não acontece há muitas e muitas décadas.

Nós estamos no limiar da possibilidade de um grande salto qualitativo no Brasil. Eu não digo isso demagogicamente, não. É o limiar de um grande salto.

Hoje nós temos um produto de 600 e poucos bilhões de reais ou de dólares e uma renda *per capita* que se aproxima de 4 mil dólares.

Comparem e vejam o que aconteceu com países como a Espanha, o Japão e a França, quando eles atingiram esse patamar. Quando se chega a esse patamar, tem-se tudo para dar outro salto.

Em 1950, o Brasil exportava mais que o Japão. Quando os chamados Tigres começaram a exportar, nós todos criticamos, dizendo que era plataforma de exportação. Não entendemos o processo.

Hoje, alguns deles exportam mais que o Brasil – e são pequenos países. Fizemos transformações grandes, mas eles tiveram a sagacidade de educar o povo e de manter uma moeda estável. Só não tiveram a sagacidade que nós tivemos, em alguns casos lá fora, de manter a democracia. Essa é a nossa superioridade. Nós temos democracia, o que assegura, uma vez que certos processos estejam avançando, maior estabilidade. Nós temos que dar educação para o povo, manter a estabilidade da economia e investir muito em ciência e tecnologia, nessas coisas.

Nós estamos quase lá. Estamos chegando próximo de dar um grande salto. Não nos deixemos perturbar por assuntos que são menores e que, de repente, parecem ser uma labareda, e essa labareda, essa sim, pode ser perigosa.

Se tivermos o juízo que temos tido, com a capacidade de discernir entre o interesse imediato e o interesse do País, e eu acredito que nós todos tenhamos isso, aí, quem sabe – quem sabe, não: aí, eu tenho certeza –, não só o Brasil, mas especialmente o Nordeste, que realmente é símbolo, no momento em que o partido de um socialdemocrata, no momento em que o Nordeste tiver boas condições de vida, o Brasil estará muito feliz.

Muito obrigado.